

**O discurso pacifista veiculado nos periódicos brasileiros:  
uma análise dos jornais como fontes de pesquisa.**

Edvaldo Correa Sotana \*

**Resumo:** Essa comunicação objetiva pensar a utilização do discurso pacifista publicado nos periódicos brasileiros, no período inicial da Guerra Fria, como fonte de pesquisa histórica. Em seguida, busca refletir sobre o conteúdo, a estrutura e a função dos jornais na sociedade brasileira da época.

**Palavras-chave:** imprensa, discurso pacifismo, Guerra Fria

**Abstract:** This objective communication to think the use of the published pacifist speech about the periodic Brazilians, the initial period of the Cold War, as source of historical research. After that, it searches to reflect on the content, the structure and the function of periodicals in the Brazilian society of the time.

**Keywords:** newspaper, pacifist speech, cold war

Alguns escritores, artistas e intelectuais deixaram registros sobre o final da Segunda Guerra Mundial e a organização da paz logo após o final do conflito. Recordaram a destruição provocada pela guerra, a utilização de armamentos altamente destrutivos e também os esforços para a instituição da paz mundial.

Em meio aos registros, parece sugestivo aqueles deixados pelo jornalista Edmar Morél que, como presidente da *Associação de Amigos do Povo Espanhol*<sup>1</sup>, lembrou ter combatido a ditadura de Franco e participado de diversos atos em favor da paz mundial. Essa militância tornou-o reconhecido perante os partidários de esquerda, porém gerou problemas de relacionamento com Assis Chateaubriand, na época seu patrão. Mesmo com a desaprovação de Chateaubriand, Morel continuou a militar politicamente e, de maneira bastante ativa, participou de um comício contra as duas bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Sobre sua participação rememorou:

---

Doutorando em História pela UNESP/Assis.

<sup>1</sup> Muitas atividades foram desenvolvidas pelos militantes comunistas fora da estrutura partidária, mesmo mantendo finalidades muito ligadas ao comunismo e sendo desempenhadas por militantes do Partido. A Associação Brasileira de Amigos do Povo Espanhol (ABAPE) parece ter sido uma delas.

*Estávamos sob o impacto das duas bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki que mataram mais de 85 mil pessoas e feriram 75 mil, em agosto de 1945, três meses depois da derrota do nazismo. Na minha vez como orador do ato perguntei: Qual o maior assassino da humanidade? Truman ou Hitler? (MOREL, 1999: 151-152).*

Não é necessário analisar a comparação feita por Morél entre Hitler e Truman. Porém, é possível salientar que esse ato discurso reflete o impacto que o lançamento das bombas atômicas provocou naqueles brasileiros que desejavam o fim da guerra, da destruição e o estabelecimento da paz mundial.

De certa forma, é lícito afirmar que a utilização das armas nucleares em Hiroshima e Nagasaki transformou “irreversivelmente a natureza da guerra”. Com elas, surgiu o temor de um verdadeiro holocausto mundial. A partir daquele momento, a existência de uma arma tão poderosa como a bomba atômica transformou as relações internacionais. Assim, diversas gerações foram “criadas à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditavam firmemente, poderiam acontecer a qualquer momento e devastar toda a humanidade”(RIBEIRO, 2003: 26). Nas páginas do periódico O Estado de São Paulo (OESP), por exemplo, Benedito Costa Netto registrou que: “os engenhos da destruição alcançaram”, naquele momento, “um grau tão poderoso de aperfeiçoamento que qualquer guerra futura colocaria um ponto final na história das civilizações humanas.”<sup>2</sup>

È possível ressaltar, desse modo, que a Segunda Guerra Mundial produziu uma incalculável destruição e modificou profundamente a vida das pessoas nela envolvidas. Nesse ponto, parece fundamental recorrer as observações de Hobsbawm (1995:51):

*Temos como certo que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exige um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos. Contudo, todos esses fenômenos pertencem apenas às guerras do século XX.*

A destruição, a violência, a brutalidade e o envolvimento de civis são algumas marcas características da Segunda Guerra Mundial. Por isso, o final da guerra gerou uma breve expectativa em torno da paz mundial. Essa expectativa materializou-se nas páginas do jornal *OESP*. Um dos seus articulistas afirmou que cabia as Nações Unidas assegurar um prolongado período de paz “depois do cataclisma que desabou sobre o mundo, levando de roldão cidades inteiras e milhões de vidas”<sup>3</sup>. Poucos dias depois, outro articulista do mesmo periódico já demonstrava que a paz mundial enfrentaria futuras ameaças. “Haverá três grandes

<sup>2</sup> NETTO, Benedito Costa. O ideal da paz entre os povos. p.03.In.: OESP. 08 de abril de 1945.

<sup>3</sup> GUASTINI, Mario. No duro! p. 01In.:OESP.03 de abril de 1945

perigos para a paz no futuro: a diferença de ideologias políticas, a concorrência comercial e os conflitos entre os sentimentos nacionais” registrou o Conde Emanuel de Bennigsen<sup>4</sup>.

Com isso, é possível pensar que a expectativa de paz estava materializada na união de forças complementemente opostas para derrotar o nazi-fascismo. Mas as diferenças ideológicas poderiam colocar em risco a paz mundial, tal como alertou o articulista do OESP ainda em 1945. Logo após o fim da guerra, a eficiente união entre os norte-americanos e os soviéticos foi desfeita. A oposição entre as duas grandes potências provocou a divisão do mundo em dois blocos que passaram a rivalizar política e ideologicamente ainda no ano de 1947. Começava, então, a chamada guerra fria, um período da história do mundo “originário da Segunda Guerra Mundial e um novo estado de relações entre a beligerância e a não-beligerância. Ela não é a paz, porém não é também a guerra em sua forma clássica”(DELMAS, 1979:21)

O aumento dessa rivalidade gerou uma indesejada expectativa sobre a possibilidade de uma nova guerra mundial. Ainda naquele ano, as disputas entre capitalistas e socialistas começaram a preocupar as mais diversas partes do globo. As imediatas tensões geradas pela Guerra Fria também mobilizaram a população civil em inúmeras campanhas pacifistas, pois o temor de uma nova guerra voltará a figurar naquele momento. O pacifismo também apareceu como tema tratado pelos jornais brasileiros nesse quadro de Guerra Fria, tal como pode demonstrar um levantamento de periódicos como *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Correio da Manhã*. De modo geral, os editoriais, os artigos assinados e as reportagens mostravam-se contrários à realização de guerras.

Cabe lembrar que o discurso pacifista é aqui entendido como aquele que trata do término de toda e qualquer hostilidade e não apenas da interrupção momentânea das hostilidades entre os países (KANT, 1939:11). Tal como definiu Bobbio (2003: 11) “pacifismo não é apenas invocar a paz, pregar a paz, dar testemunho de querer a paz, socorrer com risco e perigo pessoal levando ajuda humanitária aos lugares onde a guerra se alastra.” Para o pensador, esse é o pacifismo ético-religioso, já que se inspira na ética das boas intenções. Ao seguir suas considerações, é possível tomar como discurso pacifista àquele que busca a completa ausência, cessação, desmobilização ou solução de um conflito bélico, pois “a guerra, é bem verdade, sempre chama a paz. Mas a paz continua a ser, como sempre foi, uma trégua entre as duas guerras.” (BOBBIO, 2003:12).

É preciso enfatizar que esse tipo de discurso não existe apenas no final de uma guerra ou entre dois conflitos, mas também no início e desenvolvimento dos combates

---

<sup>4</sup> BENNIGSEN, Conde Emanuel de. Futuras ameaças a paz. p.01.In.: OESP. 07 de abril de 1945

bélicos. Desse modo, um discurso preocupado com as possibilidades de uma nova guerra também pode conter traços de pacifismo.

Certa preocupação com a possibilidade de uma nova guerra pode ser observada nas páginas do jornal OESP. Alguns pesquisadores demonstram que ocorreram manifestações pacifistas desde o final da Segunda Grande Guerra. Contudo, enfatizam que apenas a partir de 1950 essas “manifestações pela paz intensificam-se e ganham grande destaque nos jornais”(BOBBIO, 2003: 14).

Parece que antes disso, no entanto, os jornais brasileiros já tratavam freqüentemente das manifestações pacifistas e, mais ainda, já apresentavam um discurso pacifista. Em 1948, o jornal OESP estamparia a manchete “Extrema tentativa da diplomacia para salvar a paz”<sup>5</sup>; publicaria o editorial com o título “Esperanças de Paz”<sup>6</sup> e, ainda, trataria sobre o tema na matéria intitulada “Como evitar uma terceira guerra mundial”<sup>7</sup>. Anos antes o tema já aparecia nas páginas da imprensa brasileira. O próprio OESP publicou o editorial intitulado “Construção de uma paz permanente”<sup>8</sup>. Um outro exemplo é dado pelo editorial do jornal Correio da Manhã intitulado “Paz”<sup>9</sup>.

É certo que as imediatas tensões geradas pela Guerra Fria mobilizaram a população civil em inúmeras campanhas pacifistas. Com o acirramento das rivalidades no quadro de Guerra Fria, o mundo assistiu a uma proliferação de congressos internacionais e nacionais, reuniões, encontros e, ainda, de inúmeros manifestos cunhados na intenção de manter a paz mundial. Antes disso, no entanto, o discurso de conteúdo pacifista já aparecia nos jornais de maior circulação no Brasil. Em alguns momentos, o número de matérias, artigos e editoriais é extremamente reduzido, sobretudo em função de uma maior cobertura dispensada pela imprensa aos acontecimentos internos como no período de fim do Estado Novo ou na campanha eleitoral de 1945. Sobre isso, é preciso observar que “os temas, os comentários e a linguagem usada refletem os dados do contexto social e político.” (BAHIA, 1971: 66)

Outras peculiaridades também podem ser percebidas no pacifismo veiculado nas páginas da imprensa escrita brasileira na segunda metade da década de 1940 e início dos anos 1950. Em primeiro lugar, é grande a quantidade de matérias sobre a guerra e a paz, mas também existe um número considerável de artigos assinados e também de editoriais que possuem uma função muito específica de transmitir a opinião do veículo de informação. Cabe

<sup>5</sup> OESP. Extrema tentativa da diplomacia para salvar a paz. p.01, 28 de julho de 1948

<sup>6</sup> OESP. Esperanças de paz. p.03, 04 de agosto de 1948

<sup>7</sup> OESP. Como evitar uma terceira guerra mundial. p. 20, 19 de agosto de 1948

<sup>8</sup> OESP. Construção de uma paz permanente. p.03. 24 de abril de 1945

<sup>9</sup> Correio da manhã. Paz. p. 01. 10 de agosto de 1945.

lembrar que o editorial possui funções informativas, opinativas e interpretativas ao mesmo tempo. Por isso, busca transmitir a mensagem do periódico ao leitor (BAHIA, 1972: 192).

Não obstante essa função do editorial, um número significativo de matérias e artigos guarda uma outra característica. Alguns textos apresentam uma posição declarada do jornal frente a necessidade de estabelecer ou manter a paz mundial. Em muitos casos, vinculam a manutenção da paz mundial ao papel desempenhado pelos Estados Unidos ou pela União Soviética, sobretudo nos momentos após 1947. Em outras palavras, aos poucos os Estados Unidos aparecem como defensores da paz mundial e os soviéticos como possíveis provocadores de guerra. É claro que faz-se necessário uma análise mais aprofundada sobre o teor do discurso pacifista, suas mudanças ao longo do período posterior a Segunda Guerra e a posição política do veículo transmissor da informação. Além disso, deve-se pesquisar mais detalhadamente nas páginas dos jornais *OESP* e *Correio da Manhã* para aproximar e distanciar suas posições, bem como compara-los com outros periódicos como *O Diário de São Paulo* e o *Globo*. Mesmo assim, até o presente momento a pesquisa permitiu mostrar que os jornais não apenas informavam sobre o movimento pacifista, mas, também, formavam uma opinião em meio à Guerra Fria, mesmo num período que supostamente utilizavam “uma linguagem mais objetiva”, pretendendo separar o “comentário pessoal” da transmissão objetiva e impessoal da “informação e da notícia”.(ABREU, 1996: 15-16)

Na fase atual do trabalho, um levantamento preliminar permitiu observar diversas matérias publicadas pelo jornal *OESP*. Algumas dezenas de textos foram coletadas no período relativas aos anos de 1945, 1946 e 1947. Inicialmente, o pesquisador pode erroneamente pensar esse material como extremamente homogêneo. No entanto, esse breve levantamento mostrou que o material apresenta certa diversidade com relação à forma e conteúdo, sobretudo no que se refere ao enfoque, aspectos gráficos e editoriais. Em alguns momentos, o material parece marcado por contradições e paradoxos, permanências e rupturas com relação às posições assumidas em outros momentos. Desse modo, uma breve descrição do periódico mostra-se fundamental nesse momento da pesquisa.

O discurso pacifista geralmente era veiculado na primeira ou na última página do jornal, bem como no espaço reservado para os editoriais, sob o título “notas e informações”. Raramente aparecia algum material sobre o pacifismo na segunda página do periódico. Somente algumas vezes o tema foi tratado em artigos assinados que, por motivos de disposição gráfica, figuraram nesse espaço. Quase sempre, no entanto, a segunda página era reservada para tratar do momento religioso ou para apresentar notícias do interior. Desse

modo, os assuntos internacionais veiculados nesse espaço dificilmente abordavam o pacifismo.

Não obstante a necessidade de descrever o jornal, convém lembrar que *OESP*, nos anos iniciais intitulado *Povíncia de S. Paulo*, defendeu “idéias republicanas e abolicionistas” logo após a sua fundação em 1875. Alguns autores argumentam que ele caracterizou-se por ser um veículo transmissor de idéias e de ideais políticos (CAPELATO; PRADO, 1980: XXII). Taschner (1992: 30-31) argumentou, igualmente, que o jornal *OESP* não nasceu apenas para gerar lucro, independente do “tipo de mensagem” veiculada em suas páginas, mas que seu objetivo era defender uma linha editorial e “um determinado tipo de conteúdo”.

No plano ideológico, o jornal norteou-se pelos postulados do liberalismo, sem vincular-se aos partidos políticos ou aos governos instituídos entre os anos de 1927 e de 1937, conforme ressaltou a pesquisa de Capelato e Prado (1980). As autoras salientam também que sua perspectiva liberal perseguia “a plena realização dos ideais democráticos” com o exercício do debate, da crítica e da oposição ao poder instituído. Informam, igualmente, que estes ideais democráticos foram abandonados em nome do combate ao comunismo, uma situação que transformou suas páginas em uma tribuna para aqueles que defendiam a “aniquilação do comunismo” como premissa para a salvação pública” após a intentona de 1935(CAPELATO; PRADO, 1980: 23-25; 55). Maria Aparecida de Aquino (1999: 38-39) também identificou o *OESP* como liberal, porém acrescentou informações ao observar o seu conservadorismo na defesa dos chamados ideais do movimento de 1964.

Assim, o “tipo de mensagem” pacifista veiculada nas páginas do jornal *OESP* possui um conteúdo muito específico. Em diversas matérias, o periódico informou sobre a ação pacifista dos soviéticos com o único intuito de ampliar a influência do comunismo no cenário mundial. Posição que pode ser observada no editorial “Os falsários do pacifismo”<sup>10</sup> e nos textos “O progresso e o futuro da humanidade dependem da paz; a paz depende do poderio defensivo das democracias”<sup>11</sup>, “O congresso pró-paz mundial: a Guerra Fria transferiu-se para Nova York”<sup>12</sup> e “O congresso da paz transformado em reunião para defesa da URSS”<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> *OESP. Os falsários do pacifismo.* p. 04. 27 de março de 1949.

<sup>11</sup> *OESP. O progresso e o futuro da humanidade dependem da paz; a paz depende do poderio defensivo das democracias.* p. 01, 19 de março de 1949.

<sup>12</sup> *OESP. O congresso pró-paz mundial: a Guerra Fria transferiu-se para Nova York.* p. 60. 27 de março de 1949.

<sup>13</sup> *OESP. O Congresso da paz transformado em reunião para defesa da URSS.* p. 01, 21 de abril de 1949.

Convém ressaltar a função da mídia, observando, especificamente, a função do jornal como um agente político. Alguns autores foram enfáticos quanto à impossibilidade da realização de um jornalismo neutro e objetivo. Marcondes Filho (1986: 13), por exemplo, enfatizou que não iniciava sua análise partindo “da posição ingênua de desvincular a notícia dos confrontos de interesses e de poderes de grupos dominantes da sociedade, nem da aceção de que haja qualquer possibilidade de se realizar um jornalismo objetivo”.

Marcando sua posição, Marcondes Filho afirma que o jornal sempre procura afirmar publicamente as opiniões e informações de indivíduos ou grupos. Como porta-voz de pessoas ou grupos, defende que sua posição nunca poderá ser neutra e objetiva. Enfatiza, ainda, a existência de um trabalho jornalístico para construir a notícia:

*Atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai sair, como, com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Este processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal m veículo de reprodução parcial da realidade. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou simplesmente não dá-la é um ato de decisão consciente dos próprios jornalistas (MARCONDES FILHO, 1986:12)*

Atualmente, as pesquisas demonstram que a função da mídia, sobretudo da imprensa escrita, é atuar como “construtora do próprio fato” divulgado. Diversos pesquisadores concebem, desta forma, que “a mídia é parte integrante do jogo político e da própria construção do acontecimento histórico.” (ABREU, 1996: 09) e não apenas um “veículo de informação” imparcial e neutro, que se isola da realidade político social na qual está inserido (CAPELATO; PRADO, 1980: XIX). Demonstram, ainda, que seu papel é fundamental para a transcrição, representação e produção do acontecimento (RIOUX, 1999: 122-123). Por isso, é preciso entender a prática discursiva da imprensa escrita como provida de interesses e dotada de “uma determinação de sentidos”(ABREU, 1996: 63). Essa é, portanto, a perspectiva do presente trabalho ao analisar o discurso pacifista veiculado pela imprensa brasileira.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In.: ABREU, Alzira Alves (Org.). **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento.** Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação e comunicação.** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Jornal, história e técnica.** 3.ed. São Paulo: IBRASA, 1972.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- DELMAS, Claude. **Armamentos nucleares e guerra fria.** São Paulo: perspectiva, 1979.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991).** 2.ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza.** São Paulo: Ática, 1986.
- RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Os “combatentes da paz”:** a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, 2003.
- RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In.: CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: Edusc, 1999.
- TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.